

The book cover features a dark, starry night sky as the background. In the upper right, a large crescent moon is visible. Scattered across the sky are various celestial bodies and phenomena, including a ringed planet like Saturn, a comet with a long tail, several smaller planets or moons, and numerous stars. In the lower half of the cover, the silhouettes of a man and a woman are shown sitting closely together on a park bench. They are positioned against a bright, glowing yellow and orange horizon, suggesting a sunset or sunrise. The overall mood is romantic and dreamlike.

A galáxia dos sonhos perdidos

Da mesma autora de *Os Dez Amores de Cece*

ANA CAROLINA DIAS



PERIGOSAS NACIONAIS

ANA CAROLINA DIAS

A
galáxia
dos sonhos
perdidos

*Coisas extraordinárias sempre são possíveis
para quem tem uma boa alma.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Todos os direitos reservados Ana Carolina Gonçalves Dias (2017)

Publicado de maneira independente por Ana Carolina Dias.

Revisão: Luhana Andreoli

Preparação: Ana Carolina Dias

Capa: Laura Machado

Diagramação: Bruno Lira

Essa é uma obra de ficção. Nomes, personagens, organizações, lugares e situações são frutos da imaginação deste autor ou usados como ficção. Qualquer semelhança com a realidade ou fatos reais é mera coincidência.

PERIGOSAS ACHERON

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, total ou em partes, através de quaisquer meios. Os direitos autorais e morais do autor foram contemplados.

Playlist



Polaroid – Jonas Blue feat. Liam Payne &
Lennon Stella

Lay With Me – Phantoms feat. Vanessa
Hudgens

Perfect Strangers – Jonas Blue feat. JP Cooper

Be Together – Major Lazer feat. Wild Belle

Moonlight – Grace VanderWaal

Stay – Zedd feat. Alessia Cara

Teenage Dream – Katy Perry

Breathin – Ariana Grande

Be Alright – Dean Lewis

PERIGOSAS NACIONAIS

A PLAYLIST COMPLETA AQUI



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

AO MEU AVÔ ADÃO, QUE HOJE VIVE ETERNAMENTE EM UM
LUGAR ESPECIAL NO UNIVERSO DO MEU CORAÇÃO.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

O CÉU NÃO É O LIMITE.
O CÉU É DE ONDE VEM A SUA INSPIRAÇÃO.

< Duília de Mello >



*É no sim que se celebram todos os
mistérios do Universo.*

‹ Niketche - Paulina Chiziane ›

29 de fevereiro de 2016.

02h18min

“*Ádvena*”. Não haveria palavra melhor para definir minha cidade senão essa, um tanto quanto diferente.

No dicionário, *ádvena* possui como significado algo que “*não habita ou não nasceu naquele lugar; que vem de fora*”. Ela também pode ser sinônimo de “excêntrico”.

Essa palavra não foi escolhida por acaso. Entre dezenas que possuem o sentido semelhante, um dos motivos para essa ter sido selecionada girava em torno do curioso mistério que acompanhava cerca dos quinze mil habitantes dessa cidade tão pequena. O lugar, por três anos seguidos ganhador dos melhores *frankenmorangos* da região, sempre foi

PERIGOSAS NACIONAIS

atraente para muitos curiosos por conta do magnetismo que parecia ter para alienígenas. Ao longo dos poucos quilômetros de extensão, os fenômenos aconteciam mais especificamente em um lugar: o meu bairro.

Encontrar um morador por aquelas ruas e não parar para ouvir sobre algumas das infinitas histórias era praticamente uma missão impossível. Por ser uma cidade pequena, os contos eram essencialmente passados de pais para filhos. Obviamente, eles ficavam melhores a cada geração, como bem rápido eu soube...

“Meu pai viu um E.T.!”

“Meu pai viu um E.T. mudando de forma na frente dele!!”

“Meu pai viu um E.T. se transformar na frente dele e devorar uma pessoa inteira!!!”

Os detalhes variavam um tanto: desde terríveis monstros verdes com chifres e pele escamosa, até homens e mulheres com uma bela aparência singular que simplesmente desapareciam como se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca tivessem existido. Algo como “*eu vi*” ou “*o tio do meu primo escutou*” sempre era levantado quando o assunto acabava ou quando surgia um forasteiro curioso vislumbrado com a ideia de outro planeta “*tentar fazer contato*”. A parte ruim era que qualquer pessoa nova que chegasse à cidade era incluída nessa lista de possíveis visitantes *aliens*.

Os boatos se tornavam ainda mais fortes em todo dia 29 de fevereiro, a cada quatro anos. Segundo lendas que corriam soltas, essa era a data favorita dos seres de outro planeta para nos fazer uma visita. Ninguém nunca teve uma história verídica para contar, mas esse boato já era tão antigo na vila que, quem discordasse, possivelmente era incluído na lista de visitantes extraterrestres.

Eu já tinha ouvido inúmeras histórias sobre essa data. Quando era pequena, costumava escutar que pessoas nascidas nesse dia raro têm uma aura de sorte ao seu redor e que muitas coisas boas, de alguma maneira, acabam conspirando a seu favor. No entanto, em 16 anos de vida, eu nunca tinha

PERIGOSAS ACHERON

visto acontecer absolutamente nada de diferente para melhor.

Meus pais me registraram como se eu tivesse nascido no dia 28 de fevereiro, sendo assim, minhas comemorações sempre aconteciam um dia antes da minha real data de nascimento. E naquele ano de 2016, as coisas não foram diferentes. Nada de singular. Eu fui recebida com bolo, uma festa surpresa e balões, porém, a parte mais *ádvena* do meu aniversário não foi a comemoração no dia anterior todo dedicado a mim. A parte mais surpreendente estava bem ali, exposta no meu reflexo do espelho, nas primeiras horas do dia 29 de fevereiro. Meus cabelos, até minutos antes, eram castanhos, e eu não me lembrava de em nenhum momento da noite tê-los colorido de verde e rosa.

Engoli em seco ao me aproximar do espelho, puxando uma pequena mecha entre os dedos. Era mesmo o meu cabelo. Aquela refletida era *mesmo* eu. Com sentimentos confusos e o peito apertado por aquele aniversário, o primeiro carregando uma culpa de algo que eu, o tempo todo, insistia em dizer que não havia como ter sido evitado.

Joguei um pouco de água no rosto para afastar a sensação estranha dentro de mim. Aquilo só podia ser uma miragem... Ou eu estava em um sonho muito realista!

Enquanto eu secava os olhos com a toalha ao lado da pia, vi alguém refletido no espelho. Meu coração quase voou pela boca. Minha primeira reação foi agarrar a coisa mais próxima a mim, e o escolhido foi um pote grande de creme para cabelos. O garoto sentado na tampa do meu vaso sanitário deu risada e se levantou, balançando as mãos como se me pedisse calma.

— Tudo bem! — Ele ergueu as mãos em um sinal de paz. — Não precisa me machucar com a sua coisa assustadora. — Mordeu os lábios para prender uma risada, como se aquela minha arma fosse a pior possível.

Certo, eu sabia que era mesmo.

Recuei, ainda na defensiva. Mal me importei por estar de pijama, descabelada, ou pior, sem escovar os dentes. Aquelas eram regras básicas do

PERIGOSAS NACIONAIS

meu dia a dia.

No entanto, ao olhá-lo mais de perto, eu senti lá no fundo que não precisava ter medo. Apesar de nunca tê-lo visto, seus olhos claros me passaram confiança e paz.

— Essa é a sua melhor fala depois de invadir o banheiro de alguém? — alfinetei com raiva, sentindo as batidas do meu coração pouco a pouco voltarem ao normal. Ele ergueu os ombros, o sorriso ainda em seu rosto. — Qual você acha que deveria ser a minha resposta para um estranho?

Ele sorriu ainda mais, depois fez uma pequena reverência e se aproximou.

— Meu nome é Petrus — apresentou-se, endireitando-se na direção de um feixe de luz.

Seus cabelos eram cacheados como os meus, porém mais curtos. Em seus fios havia tons pastéis de verde e amarelo. Seus olhos eram claros, quase cinzas. E a sua pele era um pouco mais clara do que a minha pele negra.

PERIGOSAS ACHERON

Engoli em seco, ainda receosa ao observá-lo. Minha reação não pareceu incomodar.

— Você veio roubar alguma coisa? — lancei o primeiro pensamento que me passou pela cabeça.

Petrus franziu o cenho, parecendo um pouco ofendido com aquela ideia, mas logo seu rosto se adequou a um sorriso. Enquanto eu via em seus olhos o humor mudar, achei que tivesse imaginando coisas quando os fios dourados do seu cabelo mudaram para preto por alguns segundos, logo voltando à cor normal.

Minha feição refletiu todo o espanto que senti, mas antes que eu esboçasse qualquer reação, ouvi sua VOZ.

— Não grita! Por favor, não grita! — pediu com calma, porém seus olhos estavam tão arregalados quanto os meus.

Fui incapaz de soltar o grito que estava preso em minha garganta. Joguei o pote na bancada, fazendo um pequeno barulho, e me virei na direção do espelho, esfregando os olhos com força. contei
PERIGOSAS ACHERON

até cinco mentalmente e então os abri mais uma vez, encarando o mesmo lugar de antes. Petrus continuava lá, e pior, ria de mim.

— Talvez isso funcione com fantasmas, mas eu não sou um. Ainda estou aqui. — Ele abriu os braços e puxou um pedaço da pele entre os dedos, me mostrando que era mesmo real.

Soltei um suspiro, aceitando devagarinho que aquilo não era insanidade. Ele continuou me olhando, esperando calmamente aquele meu momento de aceitação passar.

— Você não é um fantasma? — perguntei baixo, com o máximo de voz que consegui.

Ele deu risada, meneando a cabeça em alguns nós seguidos.

Honestamente, Petrus tinha um sorriso muito charmoso para ser um fantasma.

— Mas o seu cabelo muda de cor — argumentei mais uma vez. Ele ergueu os ombros, como se buscasse algum sentido nas minhas
PERIGOSAS ACHERON

palavras.

— Eu não sabia que fantasmas podiam mudar a cor dos cabelos — comentou, sugestivo e irônico. Bufe para o seu sarcasmo, passando do sentimento de incerteza para o de raiva enquanto cruzava os braços. Ele riu mais alto, um som doce e leve. — Isso é normal de onde venho — explicou calmamente. Eu não tive tempo de perguntar de onde exatamente ele vinha, sua resposta veio sem demora: — Pametia.

Eu me forcei a pensar em alguma cidade ou estado com aquele nome, mas nada passava pela minha cabeça. Foi então que ele soltou a resposta:

— Do *Planeta* Pametia. — Sorriu.

Eu arqueei as sobrancelhas, assimilando. A surpresa inicial, de que apenas havia um estranho no meu banheiro no meio da madrugada, pareceu quase nada diante do resto da revelação. Ele ergueu os ombros, mantendo o sorriso gentil em seu rosto.

Então soltei uma risada, uma risada alta e do fundo da garganta. Apesar de não entender, Petrus PERIGOSAS ACHERON

não me repreendeu.

— Certo, isso só pode ser um sonho muito maluco! — eu disse para mim mesma, sabendo que ele ouviria. Belisquei as palmas das minhas mãos para senti-las e tentar recobrar um pouco dos sentidos. Talvez aquela fosse uma versão mais louca e real de uma paralisia do sono. — Certo, então você é de outro planeta? — Tentei soar séria, mesmo entre risadas. Petrus assentiu, mantendo os olhos em mim. — Certo, eu comi muitos bolinhos! — Gargalhei balançando a cabeça.

— Os bolinhos de coco que estão na geladeira? Eles são realmente ótimos! — ele soou sincero, apesar do sorriso, que parecia fixo em seu rosto. Logo depois, se retratou: — Desculpa ter invadido a sua geladeira... Eu estava com fome.

Escutei cada palavra, repetindo para mim mesma que aquilo só podia ser um sonho idiota e que não havia problema levá-lo adiante.

— E você veio de outro planeta para cá? — perguntei, já um pouco mais calma, ouvindo a

PERIGOSAS NACIONAIS

sandice que era aquela frase. Tentei não rir, e foi um pouco mais fácil quando Petrus me seguiu para fora do banheiro até o quarto e se sentou ao meu lado na cama. — Como você veio parar aqui?

— Não me lembro da viagem, mas acordei no seu jardim e senti que estava próximo da minha missão — respondeu sem tremer, totalmente seguro. — Quando te vi, não sei como, tive a certeza de que estava na casa certa. Eu senti. Gostei da decoração, aliás! Gosto de vermelho, e, sinceramente, não aguento mais ver verde! — reclamou com uma careta. Eu o acompanhei na risada. Apesar de um sonho, era bem engraçado. E real.

— E por que você está aqui? — perguntei olhando ao redor, para ver se havia mais algum como ele ali. Estávamos a sós no quarto.

Petrus se acomodou na minha cama, apertando o lençol entre os dedos. Ele colocou a mão por baixo e abriu mais um sorriso ao sentir o toque do tecido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei por que estou *aqui*, com você, não cabe a mim escolher isso. Mas estou aqui na Terra porque é minha vez na missão — respondeu.

— Missão? — estranhei. Ele concordou, indicando meus cabelos.

— Usar o dia 29 de fevereiro para fazer uma coisa *ádvena* por um *sensitir* — contou. Franzi o cenho, confusa, antes de ele emendar uma explicação: — Alguém que nasceu no dia 29 de fevereiro. Você não é igual às outras pessoas.

— *Sensi* o quê? — comentei baixinho para mim mesma, com a cabeça em frenesi.

— *Sensitir* — repetiu ele. — Alguns acreditam que os nascidos no dia 29 de fevereiro não emanam boas vibrações, porque se esse evento só acontece de quatro em quatro anos, então é um sinal de que não é coisa boa. No entanto, de onde eu venho, nós acreditamos que vocês são pessoas com conexões especiais com o Universo, então, para manter o equilíbrio em nosso planeta, uma vez a cada quatro anos, quatro de nós somos mandados para a Terra

PERIGOSAS ACHERON

com uma missão, um em cada extremo do globo. É um pouco complexo calcular isso, eu admito, mas, olha, sempre deu certo.

Arregalei levemente os olhos, reparando mais uma vez em meus cabelos, e então o encarando, finalmente entendendo. Ele sorriu quando notou minha reação, quando percebeu que sua explicação havia causado credulidade em mim.

— Eu? — questionei para ter certeza. Petrus concordou.

— Eu não entendo por que demoraram tanto para te escolher, sabia? Dezesseis anos? É muito tempo para se esperar por uma coisa extraordinária acontecer! — Balançou a cabeça. — Mas eles têm seus motivos, eu sei. Sempre têm. — Deu de ombros, então pegou meu urso de pelúcia e o apertou para ele cantar, dando uma risada. — Isso é hilário, não temos essas coisas em Pametia.

Balancei a cabeça, tentando de alguma forma organizar os pensamentos. Era demais para mim.

— Você está me desconcentrando! — reclamei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele tirou os olhos da almofada e seus cabelos mudaram para um tom esbranquiçado antes de voltar devagar para a cor natural. Parecia um pouco tímido. — *Ádvena*, como o nome da cidade?

Petrus assentiu, certo do que dizia.

— Ela não tem esse nome à toa — brincou em um tom óbvio. Eu pensei rapidamente nas próximas perguntas, antes que me esquecesse.

— Quem são *eles*? — questionei, por fim, tentando expulsar da cabeça a ideia de que ele continuava apostando em me fazer acreditar que era um extraterrestre.

Alienígena.

Alien.

Deus do céu!

— No meu planeta, somos chamados de *Pametians*. Você precisa mesmo que eu diga com todas as letras o nome que temos aqui? — implicou, arqueando uma sobrancelha para mim.

PERIGOSAS ACHERON

Neguei rapidamente. Provavelmente eu sairia correndo e me atiraria da janela para acordar logo daquele sonho.

— E por que meu cabelo está dessa cor? — Apontei para os meus fios coloridos. Petrus os observou e então também segurou os seus entre os dedos.

— Estamos ligados por esta noite — disse ele, empolgado. — É como funciona a missão. Por esta noite, você sente tudo o que eu sinto. E vice-versa. — Ele encarou meus fios e pegou uma pequena mecha entre os dedos, alisando-a. — Pelo cinza, eu posso dizer que você quase acredita em mim. — Sorriu, me olhando.

Eu o encarei nos olhos, batendo em sua mão quando notei que estava perto demais, e me levantei. Aquilo não pareceu ofendê-lo. Eu estava tímida. Petrus sabia e me poupou de qualquer comentário.

— E ele vai ficar assim para sempre?

Petrus negou, se levantando. Deu uma olhada
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no relógio em seu braço e me estendeu a mão.

— Não, apenas por esta noite. Temos pouco mais de quatro horas até o nascer do sol!

Olhei para sua mão estendida, para o relógio digital em seu pulso, e então para sua camisa com mangas; seu rosto bonito marcado por protuberantes ossos e seus olhos cinzas concentrados em mim. Balancei a cabeça, recusando gentilmente seu gesto e me levantando sozinha.

— Onde você mora tem relógio digital? — impliquei, me sentindo mais leve para fazer uma brincadeira. Petrus balançou a cabeça, pareceu gostar da graça.

— Temos algo um pouco diferente para isso, mas achei que poderia te assustar. — Ergueu os ombros. Eu dei risada, uma risada debochada, enquanto seguia para a cômoda próxima em busca de um casaco.

Eu me assustar. *Claro.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode ter certeza de que, depois desta noite, nunca mais vou me assustar com nada! — garanti, negando para mim mesma.

Vesti meu moletom por cima do pijama e calcei meus tênis, só então me dando conta do que estava fazendo. Sair no meio da madrugada com um estranho de sorriso bonito e olhos intensos... Eu só podia ter ficado louca por começar a acreditar em tudo aquilo.

— Você tem algum *superpoder* para fazer a gente voar pela janela? — Eu me empoleirei ao seu lado depois de pegar meu celular e algum dinheiro, escondendo dentro da capinha do aparelho. Petrus me olhou em um pedido mudo para que eu dissesse que aquilo era uma brincadeira. Sua feição me fez rolar os olhos enquanto segurava o riso para não fazer barulho. — Ok, mas em silêncio, meus pais me matam se souberem que estou saindo do meu quarto com um estranho em plena madrugada.

Ele assentiu, firme, me acompanhando com passos silenciosos. Tranquei a porta do meu quarto para não correr riscos, e quando passávamos pelo

PERIGOSAS ACHERON

corredor que dava para o quarto dos dois, dei uma rápida olhada lá dentro para ver se estavam bem. Apesar de Petrus me passar confiança, ele ainda era um esquisitão com conversas muito estranhas.

— Eu não machucaria ninguém, Julie — ele disse baixinho.

Eu me sobressaltei, empurrando-o para um pouco distante do quarto até que pudesse dizer o que queria sem o risco de acordar alguém.

— Como sabe meu nome? — perguntei de repente, assustada. — Você mexeu nas minhas coisas? Ou, sei lá, leu a minha mente?

Petrus sorriu, em seguida, rolando os olhos. Sem dizer uma palavra, indicou o cordão de prata em meu pescoço.

Bufei, arrancando uma risada sua.

— Você é desanimador — resmunguei com um leve suspiro, puxando-o pela mão para o andar de baixo e seguindo em direção à porta. Assim que finalmente saímos de casa, respirei aliviada por não

PERIGOSAS ACHERON

termos sido pegos.

Do lado de fora, Petrus estava concentrado em olhar para além do bairro. Seus olhos varriam as casas, as pequenas flores no chão... Ele parecia fascinado. Eu o chamei uma, duas, três vezes, mas ele preferiu dar atenção à abelha que voava à sua volta. Estendeu a mão, e, antes que eu dissesse para não fazer aquilo, já havia recolhido o dedo, xingando um palavrão que eu nunca tinha ouvido.

— Você não pode tentar brincar com abelhas!
— ralhei baixinho. Ele assentiu com uma careta, olhando para o dedo dolorido.

Sua expressão mudou de dor para surpresa. De algum modo, eu sabia que aquela era a primeira vez que ele sentia dor, e aquela novidade o encantou segundos depois de conhecer a nova sensação.

— Precisa tirar o ferrão — avisei, indicando seu dedo. Ele me estendeu a mão em total confiança e eu o arranquei com os dentes, o ouvindo resmungar. Enquanto Petrus esfregava o dedo, torci os lábios, pensando no que dizer. — Escuta... só

PERIGOSAS NACIONAIS

para deixar uma coisa clara: eu não costumo sair com estranhos assim, no meio da noite. Só, sei lá... — Pigarreei. — Eu me assustei por encontrar um estranho no meu quarto, mas... — Dei de ombros. — Acho que gostei da sua alma — me defendi rapidamente.

Petrus sorriu e vi na sua expressão o quanto aquelas palavras o fizeram se sentir grato. Seus olhos se transformaram. Eu quase podia afirmar que eles haviam mudado de cor por alguns segundos.

— Essa foi a melhor coisa que alguém já me disse. — Sua boca se abriu novamente para continuar a fala, contudo, não o fez. Acho que aquilo já era o suficiente.

Ele não reclamou da dor por muito tempo, mas começou a beliscar sua pele com os dentes. Eu tentei pensar em algum assunto para aliviar sua dor.

— Como você vai saber que cumpriu “a missão”? — perguntei com curiosidade, fazendo aspas com os dedos. Petrus escondeu as mãos

PERIGOSAS ACHERON

dentro do bolso do seu blusão verde-escuro e torceu o nariz, me olhando.

— Dizem que sempre sabemos quando conseguimos, mas não sei como será.

Concordei, acompanhando seu raciocínio, que não fazia muito sentido. Eu quis perguntar o que aconteceria quando ele finalmente completasse a missão, mas senti medo. De qualquer forma, eu havia sido escolhida para aquilo, e não demoraria muito até que descobrisse, caso toda aquela história fosse real.

— Você pensou em algo para que esta noite fosse fantástica? — questionei, andando ao seu lado alguns passos para longe da minha casa.

Petrus negou rápido demais, me arrancando uma risada. Ele estava envergonhado.

— Eu imaginei que você pudesse me levar a algum lugar, já que este é o *seu* mundo...

Aquilo fazia sentido. Quero dizer, não a parte de ele insistir que éramos de planetas diferentes.

Certo, nada fazia sentido mesmo.

Tirei o celular do bolso para confirmar as horas. 02h48min. Tentei imaginar aonde poderíamos ir. As opções não eram muitas, considerando o horário.

— Você não podia ter aparecido pela manhã?
— reprovei baixinho, mas não em um tom rude, era mais um comentário. Petrus deu de ombros.

Forcei minha cabeça a pensar em algum lugar para irmos. Havia a lanchonete 24 horas. Se déssemos sorte, também encontraríamos a praça de alimentação ainda aberta e ele poderia experimentar alguns doces.

— Já comeu batata frita?

Petrus fez uma careta e negou.

— Essa palavra horrível é de comer?

Eu ri, assentindo. Puxei seu braço por cima do casaco, andando ao seu lado até a outra quadra.

— Sim, e é muito bom! Você vai querer comer uma para cada letra — brinquei. — O que você come no seu... — Pensei em alguma palavra. — *Mundo?*

Ele continuou a encarar meus pés até combinar seus passos com os meus, e quando conseguiu, não tirou mais os olhos de mim. Parecia concentrado, como sempre, em escolher as melhores coisas para dividir comigo.

— Comemos frutas, geralmente. E chocolate. — Suspirou, me fazendo sorrir. Tínhamos algo em comum. — Aqui vocês comem chocolate?

— Todo dia. — Dei risada, puxando-o para a calçada quando ele começou a andar para o meio da rua. — Vocês são vegetarianos?

A palavra pareceu desconhecida para Petrus, no entanto, ele apenas ergueu os ombros. Achei que poderia soar um tanto quanto perturbador dizer a ele que aqui as pessoas comiam animais.

— Não é como se lá tivéssemos outra coisa para comer senão isso. — Riu sem vontade. Preferi
PERIGOSAS ACHERON

definitivamente guardar para mim o restante do comentário.

— O que você mais gosta de fazer onde mora?
— Chutei uma pedrinha, seguindo o caminho ao seu lado.

Petrus pensou um pouco, parecendo realmente concentrado em extrair da memória algo bom. Pelo tempo que demorou, eu pude constatar que era difícil encontrar algo bom por lá.

— Gosto de observar o mar daqui — ele disse simplesmente, parecendo um pouco tímido com a resposta. — Disseram-me que existem animais lá dentro da água! Isso é impossível! — exclamou, empolgado e surpreso.

Eu o olhei de esguelha, perguntando em silêncio se *ele* estava mesmo me falando que algo era impossível. Petrus riu alto, tão alto e com tanto gosto que eu me senti quente de felicidade por dentro. Seus cabelos passaram para um laranja vivo rapidamente, antes de voltarem ao tom amarelado conforme ele se recuperava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dá para observar o mar da *Terra* do seu planeta? — perguntei, abismada. Petrus concordou, animado.

— É mais ou menos como observar o céu daqui. Não igual, mas, no fim, não é tão diferente — tentou explicar. Eu quis imaginar algo que fizesse sentido para a sua frase, e a ideia que tomou forma me deu dor de cabeça.

— Os cientistas dizem que sabemos mais sobre o espaço do que sobre o mar. Se eles te conhecessem, sentiriam vergonha de afirmar isso! — exclamei em um tom ultrajante.

Petrus abriu um sorriso grande, parecia lisonjeado por receber tamanho elogio, do tamanho do mar! Em uma pose muito elegante, fez uma reverência que parecia uma dança aos meus olhos.

Seguimos o caminho até o parque central entre rápidas conversas. No meio delas, eu tentava pensar nas melhores perguntas, em alguns assuntos, qualquer coisa que não soasse ofensivo ou que pudesse em algum instante chamar seus *costumes*

PERIGOSAS ACHERON

de loucura.

— Se você ficasse por mais tempo, poderíamos ir ao aquário da cidade. Você ia gostar de conhecer, lá tem quase todos os peixes do mundo! — sugeri, exagerando bem bonito nas palavras para tentar convencê-lo.

Petrus ergueu os ombros de um jeito pouco satisfeito. Seus cabelos mais uma vez foram para a cor preta, e demoraram a voltar ao tom anterior.

Eu entendi que aquela decisão infelizmente não cabia a ele.

— Quem sabe um dia... — Ele me forçou um sorriso.

Estava triste. Foi só então que eu descobri: aquele encontro noturno não dizia respeito a mim. As coisas fantásticas não eram para mim, aquela noite não era para mim. Era tudo para ele.

Era ele quem merecia as coisas ádvenas do mundo onde não conhecia nada, mas que tanto gostava.

PERIGOSAS NACIONAIS

Apertei seu braço no meu e o puxei mais rápido a caminho do parque, com um sorriso que deveria ter efeito consolador. Tínhamos que aproveitar aqueles instantes ao máximo.

PERIGOSAS ACHERON

Então pergunto: tu, concha quebrada, que vives escondida no meio do mundo, alguma vez viste o sol? Viste a lua? Conheces uma estrela? Sabes que o céu é azul? Ah!, responde, eu sou aquela que floresce em cada fase, porque sou a lua. Sou muito mais do que o sol, porque ofereço ao mundo inteiro uma luminosidade romântica. Sou a mais maravilhosa das estrelas do firmamento. Sem mim, o mundo não tem beleza.

‹ Niketche - Paulina Chiziane ›

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

29 de fevereiro de 2016.

03h09min

A praça de alimentação não estava completamente aberta, mas, por sorte, nem todas as lanchonetes estavam fechadas. Petrus me acompanhou até a bancada de uma delas. Enquanto ele continuava concentrado em olhar para as TVs de luzes brilhantes atrás do balcão, eu fiz nossos pedidos. Não havia ninguém ali, desse modo, nossos lanches ficaram prontos em poucos minutos, logo depois que todos da cozinha despertaram de seus cochilos.

Eu carreguei nossas bandejas até uma das inúmeras mesas vazias. Além de nós, apenas dois casais ocupavam outros lugares, concentrados demais para nos notar.

— Experimente a batata frita. — Eu lhe estendi

o pacotinho vermelho e amarelo.

Petrus o pegou, avaliou atentamente, e deu uma gargalhada alta antes de pegar um palitinho frito e colocar na boca. Seus olhos cresceram tanto enquanto ele mastigava que cheguei a imaginar que pudessem saltar para fora. *Literalmente*, se tratando dele.

— Essa é a melhor coisa que eu já comi nos mundos! — ele exagerou, encarando a comida. Eu tentei não rir e lhe estendi o molho.

— Você faz isso... — Mergulhei minha batata no creme de *barbecue*. — E come. E isso... — Apontei para o refrigerante. — Você bebe. — Espetei o canudo no copo, lhe dando um pequeno susto.

Em seguida, me lembrei do quanto ele gostava do mar e de como canudos e oceanos não combinavam. Então, ao invés de fazê-lo tomar o refrigerante com aquele fiozinho, lhe ofereci o meu copo. Pelo menos a culpa seria só minha.

Petrus fez exatamente como eu havia dito, e sua
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

reação com todo aquele momento me deixou feliz. Eu me senti bem sabendo que sua noite estava sendo especial.

— A comida daqui é absolutamente melhor do que a de Pametia — disse ele, animado, olhando para as batatas com admiração.

Petrus devorou todo o seu pacote e também o meu, sem mencionar seu copo de refrigerante. Logo depois, eu corri para comprar *cupcakes*, antes que a doceria fechasse. Escolhi o meu favorito, com recheio de frutas vermelhas; para ele, recheio de coco, já que havia gostado do que estava na minha casa. Petrus pegou meu bolinho, o analisou, e então mordeu quase a metade. Sorriu soltando um suspiro, como se tivesse vivido a vida inteira esperando por aquele momento.

— Vocês comem isso todos os dias? — perguntou, surpreso. Ergui os ombros em resposta.

— Mais ou menos... Não é difícil, mas se comermos todos os dias, podemos engordar ou ficar doentes — tentei explicar. Ele negou rindo e

PERIGOSAS ACHERON

trocou de doce, experimentando o de coco.

— Nós não adoecemos. Eu poderia comer isso para sempre! — exclamou, empolgado.

Eu dei risada, acompanhando sua animação. Enquanto o observava, não pude deixar de perguntar:

— Você vai mesmo embora amanhã?

Aquela simples pergunta pareceu ter sido um balde de água gelada em sua cabeça. Petrus terminou o bolinho que estava mastigando e deixou o último pedaço sobre o prato na mesa.

— Sim, pela manhã — disse em tom neutro, disfarçando tanto quanto pôde a tristeza. O momento não pedia isso.

Ele não queria prolongar aquele assunto, e eu também não. Prosseguimos.

— Você disse que de onde vem costumava observar a Terra. Já parou para observar o céu daqui? — questionei, curiosa, tentando desviar do

PERIGOSAS ACHERON

que havia nos atormentado.

Petrus arqueou as sobrancelhas com a minha pergunta, surpreso, e me ofereceu mais um dos seus sorrisos cheios de charme, fazendo meus lábios também subirem. Ele provavelmente ainda não tinha parado para ver como era lindo.

O céu. *O céu.*

— Eu tentei, mas foi difícil. Havia tantos postes com luzes e tantas casas altas que ficou difícil encontrar as estrelas.

Torci o nariz, compreendendo bem o que ele queria dizer. Naquela parte da cidade, muito urbana, era realmente complicado conseguir observar o céu.

— Eu conheço um lugar aonde podemos ir — sugeri prontamente. — Sim! Termine logo esses bolinhos para irmos! — apressei.

Petrus obedeceu, comendo o doce depressa. Assim que terminou o refrigerante, ele se levantou e eu o acompanhei, seguindo para fora da praça de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alimentação.

PERIGOSAS ACHERON

*Todo homem é um sol. É uma
estrela, que fala pelo silêncio e vive
eternamente.*

‹ Niketche - Paulina Chiziane ›

29 de fevereiro de 2016.

03h43min

Petrus, durante todo o caminho, gastou sua atenção em olhar para as casas, rir das cores vibrantes e se surpreender com gatos e cachorros; por mais frequente que isso fosse, ele sempre se sobressaltava quando um se aproximava.

Em um dado momento, ele riu e acidentalmente deu seu primeiro assobio. Aquele pareceu ter sido o ponto mais alto da sua noite. Também foi o ponto em que eu quis estrangulá-lo, afinal, aquele som me irritava ao extremo, e ele, apesar de não fazer de propósito, não parava com o barulho na minha cabeça. Por fim, desisti de pedir para que ele parasse, as tentativas estavam me irritando ainda mais.

No meio do caminho, quando olhei

metodicamente para os dois lados da rua antes de atravessar, Petrus estacou na calçada, deixando de me seguir. Sem entender, recuei alguns passos e reparei em seus olhos presos no pedaço de papel branco colado no poste. Havia o desenho de um *ser* verde que parecia ter sido feito à mão, com chifres em uma cabeça amassada nas laterais e enormes e inexpressivos olhos pretos. Não tinha os cabelos curtos e coloridos de Petrus, nem mesmo tinha cabelo. Sua pele era escamosa e repuxada. Não se parecia em nada com o garoto de *carne e osso* ali, na minha frente. Sem mencionar os olhos quase cinza de Petrus. Aquele preto era um ultraje.

— É assim que eles nos veem? — perguntou, calmo. Não foi preciso muito para sentir a sua angústia, seus cabelos não tinham a menor necessidade de mudar de cor para que ficasse claro que ele estava chateado.

— Pois é... — Ergui os ombros, escolhendo as palavras com cuidado. Quando notei seu semblante desanimado, me senti no dever de alegrá-lo. — Eu poderia falar para todos que você tem um cabelo que muda de cor de acordo com seu humor. Apesar

de parecer coisa de sereia, essa ideia é bem mais legal — brinquei, empurrando-o de leve com o ombro.

Petrus gargalhou e toda a sua tristeza pareceu se dissipar.

— Sereias não existem — retrucou enquanto limpava os olhos devagar, se recompondo pouco a pouco.

Eu dei um pequeno passo para trás, olhando-o com uma sobrancelha arqueada. Minha resposta foi a mais básica possível:

— *Claro.*

Ele parecia uma máquina de gargalhar, e aquele som misturado à sua felicidade era acalentador. Se eu já havia me sentido triste algum dia, não me lembrava mais.

— Por que verde e rosa? — perguntei de repente, realmente curiosa. — E por que verde e amarelo? — Apontei para os seus cabelos. Petrus olhou para os meus fios cacheados e sorriu

PERIGOSAS ACHERON

abertamente antes de me responder.

— O verde é a cor padrão da *harmonia* em Pametia, todas as pessoas boas a têm. Acho que aqui eles costumam chamar isso de aura — tentou explicar. — O rosa é seu segundo equilíbrio, ele reflete o sentimento que mais domina você: o amor. E o meu amarelo representa otimismo.

Eu juntei as sobrancelhas, um pouco confusa quanto àquilo. Era a primeira vez que alguém *literalmente* me via daquela forma, e, ainda assim, era estranho acreditar que o maior sentimento em mim fosse o amor, considerando que eu me irritava com coisas bem pequenas o tempo inteiro, todos os dias! Isso sem mencionar que, depois do que havia acontecido com Nick, eu tinha me tornado a versão mais ranzinza de mim mesma. Sempre que sua imagem me vinha à mente, parecia egoísmo sorrir e aproveitar a vida, quando ele próprio não havia tido essa chance. Se *eu* pudesse escolher um sentimento para me definir, sem dúvida seria culpa, não amor.

— E há alguma possibilidade de as auras estarem erradas?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se não existisse amor em você, eu duvido que aceitaria fazer um *tour* pela cidade, *no meio da madrugada*, com um estranho — disse Petrus, com um olhar sugestivo. — No fim, as coisas não são sobre como você se vê, mas sim sobre a sua essência.

Demorei alguns segundos para compreender, e quando consegui, não contive o calor no peito. Eu não sentia isso há muito tempo.

Eu podia jurar que parte da sua missão era mostrar o quanto havia de amor em mim e eu mesma não conseguia mais enxergar. Aquela era a missão.

Suas palavras fizeram todo sentido naquele instante. E eu sorri. Um sorriso grato e emocionado. De fato, aquela era a sua atitude ádvena para mim, me mostrar que eu era amor por meio de uma boa ação para ele. Nós éramos uma extensão, e isso ia além dos nossos cabelos e dos nossos sentimentos. Nós havíamos nos encontrado, nos conectado, e éramos essenciais um para o outro aquela noite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Apesar da sensação que me preencheu, não pude conter o desânimo que logo me assolou. Talvez se eu demorasse a perceber, ele não precisasse ir embora *tão rápido*... Aquela ligação era especial demais para ser vivida por tão pouco tempo.

Petrus pigarreou, balançando a cabeça antes de dar as costas para o desenho e atravessar a rua comigo, sem sequer olhar para os lados.

— Ficou com medo de que em algum momento eu pudesse me transformar naquilo? — questionou de repente, me tirando dos devaneios da recente descoberta.

Engoli em seco, só então reparando em como meus olhos estavam presos nos seus. Gastei mais tempo os observando do que pensando em uma boa resposta para ele.

Sua íris cinza era clara, clara demais, e olhando bem de perto, havia pequenos salpicos escuros que pareciam se mover, como estrelas cheias de vida em perfeita órbita.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas não senti medo. Eu não tinha motivos para sentir medo, e sabia disso. Para a minha sorte, eu sabia.

— Você não consegue ficar pior que isso — soltei, com um pequeno rolar de olhos.

Petrus primeiro franziu o cenho, mas eu senti meu rosto esquentar e logo ele também entendeu o real sentido da minha desculpa boba. Eu estava envergonhada por olhá-lo tão profundamente, e ele havia percebido pelo nosso vínculo. Foi então que riu.

Eu me concentrei em deixar a timidez de lado e me pus a caminhar à sua frente. Eu não precisava olhar para Petrus quando sabia que ele havia entendido a minha frase o elogiando, já que praticamente estava dentro da minha cabeça.

— Vamos logo, ou vai clarear e você vai perder o show de estrelas. — Bufei, emburrada. Não levou quase nada até que eu o tivesse ao meu lado novamente, com seus passos sincronizados aos meus, me acompanhando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*Cada estrela é uma mulher
semeada no céu. (...) O mundo é
nosso, em cada coração de mulher
cabe todo o Universo.*

‹ Niketche - Paulina Chiziane ›

29 de fevereiro de 2016.

04h11min

A caminho da praça para onde eu o levaria, parei em uma loja de conveniência para comprar água. No caixa, enquanto eu entregava minha garrafinha à atendente, que não parecia nem um pouco a fim de estar ali naquele horário, vi como Petrus olhava concentrado para os doces que havia no balcão.

Quando estiquei o pescoço, vi que sua atenção estava nas pequenas balas coloridas. Eu peguei um pacote, alguns pirulitos e coloquei junto com as compras, fazendo-o sobressaltar, já que quase arranquei um embrulho de baixo do seu nariz.

Depois de pagar tudo, recolhi minha sacola e o chamei para o lado de fora da loja. Aquele era o primeiro encontro em que eu pagava tudo e não

queria xingar o cara por me fazer gastar todo meu dinheiro com ele.

Petrus me acompanhou, com os olhos presos na bolsa. Eu dei risada, fazendo-o despertar e voltar sua atenção para mim.

— Parece um planeta — disse com um sorriso grande, observando o pirulito redondo. — Isso também é de comer? — questionou enquanto puxava outro embrulho quase transparente de dentro da sacola. Assenti, rasgando o pacote, despejando alguns em minhas mãos e lhe estendendo.

— Dizem que é mágico. Você pode comer e fazer um pedido para ver se funciona mesmo — disse em tom brincalhão. Petrus, no entanto, pareceu levar a sério.

Ele encarou os corações vermelhos, verdes, amarelos, azuis e de outras cores mais vivas que os nossos cabelos. Escolheu com cuidado um azul e, depois de analisar, fechou os olhos enquanto pedia algo baixinho, em seguida colocando o doce na

boca. Sua reação não poderia ter sido melhor.

Seus olhos se arregalaram e seus lábios repuxaram em um sorriso logo depois que ele se acostumou com o sabor um pouco ácido. E então, não poupou nem um segundo em escolher a próxima bala, na cor amarela.

— Isso é tão... — Parou, pensando em uma palavra. Não conseguiu nenhuma, pela careta de frustração que fez. — Eu não consigo pensar em nada para comparar! — exclamou com entusiasmo, comendo mais alguns doces.

Sorri, erguendo os ombros para a sua felicidade e me equilibrando no paralelepípedo, caminhando ali em cima.

— Aqui, esse gosto se chama ácido — expliquei, dando uma risada baixinha antes de me desequilibrar e sentir meu coração dar um solavanco com o susto. Petrus ainda parecia encantado com o sabor e preferiu concentrar sua atenção nos doces.

Não demorou muito para chegarmos à praça. Eu
PERIGOSAS ACHERON

me sentei no banco de madeira e deixei um espaço ao meu lado para ele, que o fez rapidamente.

Achei que nosso assunto havia acabado, quando ele voltou a falar:

— Aqui vocês têm outros sabores sem ser o das frutas. — Aquilo não era uma pergunta ou uma afirmação, parecia só um comentário que ele fazia para si mesmo. — As frutas que comemos em Pametia não se parecem com as daqui. Os sabores e as cores daqui são tão mais vivas! — ele exclamou, balançando a cabeça. — Tudo aqui parece mais vivo.

Torci o nariz, sem saber como reagir àquele comentário. Petrus não parecia nem um pouco satisfeito por ter que deixar a Terra na manhã seguinte, e eu tentei animá-lo nas nossas últimas horas juntos.

— Você já ouviu música? — perguntei de repente, curiosa. Aquele poderia ser mais um momento bom da noite para ele lembrar depois.

Petrus franziu o cenho, e pela sua surpresa com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a palavra, eu soube que não, ele não conhecia música.

Busquei no bolso pelos meus fones, e quando os encontrei ali, soltei um suspiro de alegria. Conectei o fio no celular e lhe estendi uma das pontas. Petrus o pegou com um pouco de receio, mas logo o colocou no ouvido, esperando pelo que aconteceria.

Busquei na minha *playlist* por alguma música que pudesse fazê-lo ter uma boa lembrança da primeira vez que escutou algo assim, e escolhi *Perfect Strangers*, do Jonas Blue e JP Cooper. Parecia combinar um pouco com aquele momento.

Quando a batida do início chegou aos meus ouvidos, eu soube que ele também estava ouvindo. Seus olhos se arregalaram e ele tirou um dos fones, olhando para a caixinha mais uma vez. Gargalhei, colocando os dois fones em suas orelhas. Eu gostava dessas suas reações, gostava do seu jeito doce e de como tudo sempre parecia bom e novo para ele. A sua alma era incrivelmente bonita.

PERIGOSAS ACHERON

— As pessoas dançam quando escutam música, mas acho que está tarde demais para fazermos isso — expliquei preguiçosamente e me sentei com as costas escoradas no banco. Petrus me acompanhou, com o olhar de surpresa ainda em seu rosto.

Encostei a cabeça no banco, soltando um suspiro ao olhar para o céu. Aquela era uma boa noite para observá-lo. Não havia nuvens e as estrelas estavam reluzentes, mas não era possível ver a lua.

Petrus me acompanhou, e quando seus olhos finalmente fitaram o céu, ele exclamou baixinho algo muito semelhante a “*uau*”. Assenti, sem precisar olhá-lo para saber que estava surpreso e satisfeito com o que via. Aquele era o lugar mais alto da cidade, longe do barulho dos carros e das luzes brilhantes. Era um verdadeiro ponto de paz.

Petrus se livrou de um dos lados do fone e então eu soube que poderíamos voltar a conversar.

— Gosto de observar o céu — comentei, olhando para cima com carinho. — Acho que em

PERIGOSAS NACIONAIS

outras vidas eu fui a lua — brinquei.

— Selenofilia! — ele disse imediatamente, me chamando atenção. — Pessoas que têm fascínio pela lua são chamadas assim — explicou de uma maneira limpa e calma, também com os olhos presos no alto. — Algumas histórias contam que existiu uma deusa chamada Selene, a Deusa da Lua — começou, em um tom quase de recordação. — Ela se apaixonou por um pastor que todos os dias levava suas cabras para o alto do morro, podendo assim observá-la mais de perto. Ela começou a repará-lo, e quando percebeu, já estava apaixonada por todo o seu esforço em vê-la. Um dia, enquanto passeava pelo céu, Selene decidiu mudar o percurso e foi ao encontro dele, que já estava dormindo. Isso causou um eclipse muito forte. Ela, sem resistir, o beijou, e ele caiu num eterno sono profundo por toda a luz que o preencheu. Desde então, ela continua a arrastar-se sem rumo pelo céu, procurando por alguém que a olhe com a mesma admiração. E apesar de saber que ele não a observa mais, o lugar para onde ela mais brilha é sempre o mesmo, para ele.

PERIGOSAS ACHERON

Escutei sua história com toda a atenção do mundo. Eu parecia estar literalmente em outro planeta enquanto ouvia cada palavra e todo o cenário se encaixava como peças de um quebra-cabeça em minha mente.

— Talvez em alguma outra vida você tenha sido a Deusa Selene. — Ele ergueu os ombros e deu uma pequena risada. Eu o acompanhei, ainda impactada com tudo o que havia acabado de escutar. Aquela, sem dúvida, era uma das histórias mais lindas que eu já conhecera.

— Ou talvez eu tenha sido uma das cabras — brinquei. Petrus gargalhou, e o seu som tão gostoso me fez acompanhá-lo, apenas com as estrelas testemunhando aquele momento. Naquela noite, Selene não estava no céu para nos observar a admirando.

Pouco a pouco, as risadas foram cessando. Enquanto olhávamos para o céu, meus olhos vez ou outra corriam para Petrus e eu via seus olhos de estrelas encarando parte das dezenas de milhares de estrelas acima de nós, quase como se elas se

PERIGOSAS NACIONAIS

conectassem.

— Sabe, me acalenta saber que todos nós somos feitos de pó de estrela e que pedacinhos do Universo vivem em nossos corpos — comentei com um sorriso bobo no rosto, sem desviar da imensidão acima de mim. Petrus se manteve em silêncio, e quando me virei para observá-lo, peguei seus olhos me fitando.

— Qual é o seu planeta favorito?

— Saturno — respondi sem pensar duas vezes.
— Gosto de como os anéis dançam em volta do planeta com a sua própria música.

Petrus me deu um sorriso largo e correu o dedo pelo céu, até apontar para uma direção.

— Ali. Eu também gosto de Saturno. É o que mais me fascina quando olho para a galáxia. — Suspirou, saudoso. — Os fragmentos correm tão rápido em volta da massa que é um show à parte. Só não é tão lindo quanto as auroras boreais e austrais.

PERIGOSAS ACHERON

Não contive um sorriso largo, seguido de um suspiro.

— Se você ficasse por mais algum tempo, poderia assistir à aurora austral daqui — sugeri.

Eu sabia que, por Petrus, ele ficaria. Contudo, talvez, *quem sabe*, insistindo um pouco mais, eu não conseguia fazê-lo ficar? Por que a missão não poderia se estender, também, para além de cativar alguém e se tornar importante para ela? Ninguém sabia exatamente o que aquilo queria dizer.

Ele não me respondeu de imediato. Depois, sua atenção correu por todo aquele lugar. Petrus olhou para o fone de ouvido, para os dedos coloridos após comer aquelas balas, me encarou, e então soltou um suspiro pesado. O sentimento de culpa por provocar tal angústia nele me preencheu totalmente.

— Você não quer voltar, não é? — perguntei de repente, só depois notando que talvez ele não quisesse falar sobre isso. Me incomodava a constante tristeza depois de um momento bom, como se não pudesse ou devesse falar sobre aquilo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho escolha, de qualquer forma. —
Petrus ergueu os ombros, me oferecendo um sorriso triste.

Notei a cor dos seus cabelos mudar para um preto forte. Segurei suas mãos nas minhas e apertei, tentando passar para ele ao menos um pouco de carinho. Petrus olhou aquele gesto em silêncio, sem me dizer absolutamente nada, mas eu sabia que havia surtido o efeito desejado.

Em completo silêncio, ele olhou para o céu por bastante tempo. Agora que a música havia acabado, eu podia ouvir ao longe o som dos pássaros cantando. Podia escutar o vento que batia nos brinquedos e causava um pequeno barulho quando o balanço rangia. Tudo parecia ainda mais intenso naqueles pequenos e simples minutos em que olhávamos para a imensidão do céu com nossas mãos entrelaçadas.

Quando imaginei que Petrus soltaria a minha mão, pelo modo como pareceu surpreso quando o toquei, senti seus dedos deslizarem pela minha pele devagar, em um carinho quase imperceptível. Isso

PERIGOSAS ACHERON

me arrancou um sorriso, apesar de eu tentar disfarçar mantendo meus olhos no céu.

— Aquela é a Constelação de Touro. Foi a única que consegui identificar daqui — disse de repente, apontando para um ponto no céu. Eu só acompanhei o lugar onde ele indicava, pois não entendia muito sobre as estrelas, mesmo as observando toda noite com fascínio. A única coisa que eu sabia identificar eram as Três Marias. — E ali fica a Galáxia de Andrômeda. É tão viva... É a minha favorita.

— E onde fica o seu planeta?

Petrus deu risada e negou, ainda com os olhos no céu.

— Meu planeta não é bem visível daqui da Terra — ele disse simplesmente, ainda pescando as estrelas com os olhos. — Como é grande e ao mesmo tempo tão pequeno daqui — comentou com uma surpresa genuína. Eu concordei, o observando. — Dá para imaginar o tamanho que esse infinito pode ter? Todos conseguem olhar para cima e ver

PERIGOSAS NACIONAIS

alguma coisa. Todos, de absolutamente todos os lugares do Universo! Não existe mesmo limite para o que é infinito.

Não pude evitar um suspiro, apertando ainda mais seus dedos em minhas mãos. Seus olhos foram até mim, confusos, mas nem um pouco repreensivos.

— Eu acho que consigo entender por que você chegou aqui neste momento. Você sabe, só agora — comentei, engolindo em seco. Seus olhos refletiram toda a curiosidade que ele estava sentindo, e eu, para me manter longe das lágrimas, mordi o interior das bochechas.

Senti que Petrus queria dizer algo, talvez uma piada para me confortar, porém ele logo percebeu que aquele não era o momento. Sua resposta foi o silêncio e a espera para que eu dissesse o que queria.

— Há quase um ano, eu encontrei o meu primeiro amor — admiti baixinho. Apesar do tom triste que aquela história carregava, era impossível

PERIGOSAS ACHERON

me lembrar de Nick e não sorrir. — Nós estávamos vivendo todas essas histórias que as bandas adolescentes cantam. Sobre viver a vida sem ressentimentos, apenas amando — confessei com um tom orgulhoso de nós dois, até um suspiro me engasgar. — Estávamos juntos há poucos meses, mas era uma conexão tão forte, tão palpável! Tão real para tão pouco tempo... — Encolhi os ombros ao lembrar. Petrus fez desenhos invisíveis pela minha mão com o polegar enquanto as lágrimas chegavam aos meus olhos e eu tentava exprimir tudo o que queria em palavras. — Nós havíamos saído para comprar flores, porque era o nosso sexto mês juntos, e ele insistiu que queria me dar as margaridas mais bonitas da cidade. Então, nós saímos em busca das tais margaridas. — Engoli em seco o nó que se formou em minha garganta. — Estávamos perto da ponte, e enquanto cantávamos uma música, não vimos a placa de aviso na entrada. Nick se distraiu por alguns segundos e o carro capotou antes de cair no lago.

O polegar de Petrus parou com os desenhos. Sua mão se concentrou em apenas me apertar e passar toda a força que eu precisava para terminar

de colocar para fora tudo o que vinha me sufocando há todos aqueles meses.

— Eu desmaiei com o impacto. — Apertei os lábios para segurar o choro. — Quando acordei, ele tentava a todo custo soltar o meu cinto enquanto o carro afundava. Ele insistiu até conseguir, mas quando chegou sua vez... — Meus lábios tremeram e eu tentei a todo custo reprimir aquilo, sem sucesso.

As lágrimas me alcançaram de uma só vez, sem me dar sequer chance. Petrus se levantou e em um único gesto me abraçou forte, afagando minhas costas de uma maneira metodicamente acolhedora.

— Ele me soltou e me olhou com um sorriso. Ele sabia que não conseguiria sair. — Funguei buscando ar. Cada vez que me lembrava do momento, era como se o revivesse nitidamente, e eu podia sentir, quase como no próprio instante, a dor no peito que a falta de ar me causava. — Eu tentei soltar o cinto de todas as formas, mas não consegui. — Ergui os ombros, me dando por vencida novamente. — Eu não conseguiria segurar

PERIGOSAS NACIONAIS

o ar por mais tempo, a cada segundo ficava mais escuro e eu ficava mais tonta... Então, eu subi — confessei, com o coração explodindo de dor. Petrus me analisou todos os segundos e vi nitidamente quando uma lágrima escorreu pelo canto do seu olho. — Eu o deixei lá.

Eu me lembrava com perfeição dos olhos de Nick enquanto, desesperada, eu tentava afrouxar seu cinto e puxá-lo, apertando o dispositivo para liberá-lo.

Eu me lembrava da sua mão segurando a minha e do último sorriso que ele me deu antes de soltar o ar e se entregar ao infinito.

Eu me lembrava de segurar seu rosto e repetir em pensamento para mim mesma que voltaria para buscá-lo, que eu só precisava de ar... só um pouco de ar.

Eu me lembrava de, quando na superfície, ter sido amparada por alguns moradores que me seguraram e impediram que eu voltasse, mesmo quando repeti que a outra parte de mim havia

PERIGOSAS ACHERON

ficado presa no carro.

Eu me lembrava também do desespero que foi quando soube que seu corpo havia sido encontrado. Dois dias depois.

Cada lembrança era revivida ao menos uma ou duas vezes por dia na minha memória, enquanto eu lamentava entre culposas crises arrematadas de choro e falta de ar por ter perdido a única pessoa que já havia amado.

Petrus segurou minha mão entre as suas e afagou minha pele, repetindo a todo instante que era para eu senti-lo e saber que não estava sozinha, que eu deveria tentar me acalmar. Segui buscando ar por alguns segundos, até minha respiração normalizar e eu finalmente me recuperar para terminar.

— Enfim... depois disso, muitas coisas aconteceram. Os pais de Nick me culparam até o último segundo pela morte do filho. Eles nunca aceitaram que só eu tenha escapado. Na verdade, nem eu mesma aceitava. — Forcei uma risada

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto esfregava o nariz. — Meus pais resolveram que seria melhor se nos mudássemos. Eles deixaram seus empregos, suas vidas... Deixamos nossa casa e viemos para cá. Esta cidade pequena onde ninguém nos conhece e não acham que eu sou um imã de tragédia — finalizei.

Usei a manga do casaco para secar mais uma vez o rosto. A brisa fresca que me tocou fez um trabalho melhor.

— Eu não acho que você é um imã de tragédia — disse Petrus, seguro. Sua voz era firme, apesar de seu rosto úmido e de seus olhos cheios de compaixão para mim. — Na verdade, eu acho que você é um imã de sorte. Sorte porque viveu um sentimento que alguns, nem mesmo com todos os anos, conseguem conhecer — falou. Abri a boca para argumentar, mas ele foi mais rápido: — E você também deu isso a ele. A chance de alguém despertar o amor em você. Isso não tem dimensão, Julie. — Suspirou. — Fazer alguém amar e se sentir amado é o melhor presente que se pode oferecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Apertei os braços, engolindo em seco mais uma vez. Funguei longamente para afastar mais uma vez as lágrimas que surgiam.

— Eu fico pensando, talvez se tivesse insistido mais... — admiti. — Quero dizer, talvez eu conseguisse segurar o ar por mais dois ou três segundos. E na minha segunda tentativa, eu teria conseguido soltá-lo — comentei com toda a intensidade que aquela ideia me causava. Meu coração dava solavancos a cada nova possibilidade sobre o momento que nunca teria chance de se concretizar. — Fico imaginando como seria se eu não tivesse aceitado as margaridas. Se tivéssemos comprado as rosas mesmo e comemorado em algum lugar longe dali...

Petrus me ofereceu um sorriso compadecido e pegou uma pequena flor que estava estrategicamente perto de nós, no chão, a girando em seus dedos.

— Algo que eu consigo enxergar com clareza é que as coisas são como são por um motivo. O tempo não se atrasa. Não se adianta. Também não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tem um talvez. E essa é a graça do infinito, as surpresas que ele pode nos trazer. No fim, independente das nossas escolhas, todos os caminhos terminam no mesmo ponto. Exatamente onde deveríamos estar. Coisas ruins não acontecem porque merecemos ou porque o Universo decidiu nos castigar. Elas acontecem porque fazem parte da vida, e nós somos inerentes a isso — explicou com carinho. — A vida não é feita a partir de fragmentos de culpa ou de possibilidades, Julie. A vida é todo o amontoado de histórias pelo qual vale a pena viver. As histórias que já escrevemos no infinito e também as que estão por vir. É um presente.

Escutei cada palavra sua. Extraí dali tudo. Memorizei o seu tom, as cores que pareciam se espalhar a cada palavra dita, e me agarrei a cada lembrança. E, por fim, quando soltei o ar que estava preso em minha garganta, percebi que havia muito mais do que parecia. O nó em meu peito havia se soltado. O caminho para respirar estava novamente livre e não havia mais dor ou culpa. Havia apenas as boas lembranças que tínhamos construído juntos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu abracei Petrus com força. Toda a força que tinha no momento, como se pudesse fundir nossos corpos. E ele não reclamou, apenas retribuiu. Eu estava em paz. Aquele era o presente mais extraordinário que eu poderia ter ganhado.

Petrus se afastou e olhou para o céu, que devagar ia mudando de preto para um tom forte de azul-escuro.

Calmamente, ele se levantou e me estendeu a mão para acompanhá-lo. Eu sabia que era hora de irmos.

PERIGOSAS ACHERON

Nós, mulheres, vivemos num poço silencioso e profundo e julgamos que o céu tem o diâmetro do nosso ponto de mira. Mas um dia descobrimos que as águas que nos cobrem têm a cor do céu. Os nossos sonhos crescem à altura das estrelas.

‹ Niketche - Paulina Chiziane ›

29 de fevereiro de 2016.

05h04min

Petrus e eu seguimos em puro silêncio. Eu vigiava seu olhar pelo caminho; a atenção que depositava nas flores, as risadas que soltava sempre que um gato ou um cachorro passava por nós, como seus olhos ficavam vidrados em cada ponto de cor viva. Parecia doloroso para ele se despedir de tudo aquilo tão rápido, sendo que nem mesmo havia conhecido a terça parte de todo aquele mundo novo.

Quando chegamos à esquina da minha casa, o céu começava a ganhar tons de laranja e lilás. Só então senti um pequeno desespero me invadir. Meus pais me matariam se soubessem que estive fora durante a noite.

— Preciso entrar logo. Cada minuto que passa,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meus pais vão usar para me matar mais lentamente por eu ter fugido de madrugada — falei em tom exagerado.

Petrus deu uma risadinha, concordando assim que pisamos na varanda. Eu queria colocar a mão na maçaneta e entrar rapidamente, mas não queria ter que me despedir dele. Seus olhos cinzas estavam pesados, e eu podia jurar que mais escuros. As estrelas que eu jurava ter visto antes não se moviam mais. Ele parecia tão pesaroso com aquela despedida quanto eu.

— Não vou te ver nunca mais? — perguntei baixinho. Parte de mim queria que ele não tivesse ouvido, mas a outra parte queria que ele apenas dissesse que aquela história de voltar era uma brincadeira de mau gosto, que na manhã seguinte eu o encontraria na minha escola e ele diria que na verdade era um aluno transferido.

Eu não o odiaria por isso.

Petrus ergueu os ombros e soltou um suspiro longo, como se com isso pudesse aliviar todo o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peso que havia dentro dele. Não funcionou. Quando seus olhos se voltaram para mim, eles estavam cheios de lágrimas.

— Vou sentir sua falta. Foi a noite mais extraordinária da minha vida — disse em meio a um sorriso, apesar da tristeza.

Senti quando minha bochecha ficou úmida. Eu a sequei rapidamente e funguei. Seus olhos continuaram em mim, firmes. Sem pensar duas vezes, me joguei em cima dele, apertando os braços ao redor de seu pescoço em um abraço forte.

Eu definitivamente não era o tipo de pessoa que demonstrava afeto de maneira tão exagerada, no entanto, o que me ligava a ele parecia *literalmente* uma coisa de outro mundo.

Petrus não recuou nem dois passos quando o apertei, ele simplesmente me devolveu o abraço, segurando com força minha cintura. Eu podia sentir seu peito subindo e descendo, como se ele estivesse engasgado com aquele momento, como eu. Seu coração batendo rápido. Seu cheiro tão doce e que

PERIGOSAS ACHERON

eu nunca antes havia sentido. Não me importei em chorar no ombro do seu moletom, ou de amassá-lo enquanto o apertava com tamanha força entre os meus dedos.

— Por que eu? — perguntei em um tom suave, mesmo que meu peito estivesse doendo. — Em bilhões de galáxias, por que eu, aqui?

Apesar das minhas palavras, não havia culpa. Eu só queria conseguir entender.

Petrus me deu um sorriso e ergueu os ombros.

— Eu me perguntei a noite toda por que eu. Talvez seja o nosso presente manter esse segredo sem solução longe do restante do Universo. Como um elo de ligação. — Ele tentou me fazer sorrir.

Conseguiu.

Petrus se afastou um passo e limpou rapidamente os olhos. Fiz o mesmo com minhas bochechas.

— Eu não vou te ver de novo, vou? —

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntei mais uma vez, para ter a certeza clara daquilo.

Ele simplesmente negou. E sei que aquilo doeu tanto nele quanto em mim, de forma igual.

— Obrigada por tudo hoje. — Ergui os ombros, sorrindo mais uma vez. Ele me imitou e então recuou dois passos, ainda me observando.

Eu estava com a mão na maçaneta, pronta para entrar, mas não consegui. Ao olhar para trás e ver as costas de Petrus, soterrei todo o sentimento de negação e corri até estar à sua frente novamente. Antes que ele perguntasse algo ou dissesse qualquer coisa que levasse embora minha coragem, eu o beijei. Juntei meus lábios nos seus em um longo selinho, pouco me importando se aquele poderia ser um ato precipitado, considerando que o conhecia há apenas algumas horas. Eu sabia que ele era bom, gentil e que sua alma era linda. Havia definição melhor para alguém?

No começo, Petrus não reagiu ao meu ato, ele simplesmente continuou com seus olhos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arregalados presos aos meus. Até que seu corpo retesado relaxou. Seus olhos se fecharam. Suas mãos ganharam vida quando seguraram meu rosto com carinho, como se eu fosse uma das estrelas que ele finalmente havia alcançado, e aprofundou aquele nosso momento.

Seu beijo tinha gosto de saudade, mas não só disso. Era bom. Não era desesperado ou sofrido. Enquanto eu mexia nos seus cabelos coloridos, sentindo-os na ponta dos dedos, eu tinha certeza de que aquilo realmente estava acontecendo e que não era errado. Estava tudo bem. Mesmo que fosse nosso último momento, estava tudo bem...

Pela minha cabeça só se repetiam as cenas da noite que havíamos tido.

Enquanto sua mão segurava minha nuca, puxando meu rosto contra o seu, me lembrei do susto que tomei ao vê-lo no meu banheiro.

Quando seus dedos deslizaram pelo meu rosto, ainda entre o beijo, me lembrei do instante de insanidade que tive para aceitar aquela sua proposta

PERIGOSAS ACHERON

de sair no meio da madrugada.

No minuto em que Petrus afastou os cabelos do meu rosto, tomando meus lábios com os seus de novo, eu só conseguia me lembrar da sensação que tive ao ouvi-lo rir pela primeira vez e como era harmonioso cada vez ele descobria algo novo.

Quando ele se afastou e senti sua respiração entrecortada em meu rosto, na minha memória foi bem nítido o instante em que eu senti que poderia confiar nele de verdade.

E assim que seus olhos se abriram e fui envolvida por aquelas estrelas negras no céu cinza, eu só conseguia pensar em como sentiria falta dele depois de tê-lo conhecido. Em como nunca havia imaginado encontrar alguém como ele, e, também, em como nunca mais seria possível esquecê-lo.

— Eu precisava saber se você tinha duas línguas... — Mordi os lábios, abafando uma risadinha fraca.

Petrus me acompanhou, balançando a cabeça. Seus olhos não pareciam mais tão tristes por me
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixar ir, era como se, de alguma forma, aquele instante tivesse valido a pena. E eu soube pela última vez o que ele sentia.

Seus olhos foram para os meus cabelos, surpresos, e ele os arregalou, em seguida abrindo ainda mais o sorriso. Quando puxei meus fios cacheados entre os dedos, vi que eles haviam voltado à cor normal.

— Seu cabelo é muito bonito — comentou baixinho, parecendo surpreso com aquele tom de castanho-escuro.

Agradei com um pequeno sorriso. Petrus olhou para trás, reparando no sol que surgia como plano de fundo para nós, se esgueirando pelos tons de laranja no céu.

Sem dizer uma palavra, ele simplesmente beijou minha testa demoradamente e acenou, antes de partir para longe de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Fala-se de amor e aponta-se logo o coração e nada mais. Mas o amor é coração, corpo, alma, sonho e esperança. O amor é o Universo inteiro, por isso nem a anatomia nem a cardiologia conseguiram ainda indicar o lado do coração onde fica o amor.

‹ Niketche - Paulina Chiziane ›

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

29 de fevereiro de 2016.

08h16min

O som do despertador tocou. Não era a minha música favorita ou qualquer outra do Ed Sheeran. Foi o tom agudo da Britney Spears cantando minha música de atraso que me fez levantar em um pulo e perceber o quanto já estava tarde.

Minha cabeça girou com o esforço repentino. Assim que me pus de pé, escutei as batidas fortes da minha mãe na porta, dizendo que eu estava mais do que atrasada. Desliguei o som rapidamente e gritei para ela que eu já estava saindo.

Segui para o banheiro rapidamente, mas parei no meio do caminho quando dei de cara com meu moletom pendurado no cabideiro.

Desconfiei, sem entender. Até onde me

lembrava, antes de dormir eu o deixei no armário. Olhei o guarda-roupa perfeitamente fechado, estranhando ainda mais.

Peguei o moletom em minhas mãos, e quando me aproximei, senti o cheiro maravilhoso que havia nele. Aquele cheiro me trazia uma impressão boa. Uma sensação de *jamais vu*^[1]. Como se lembranças que eu nunca tinha vivido estivessem guardadas em algum lugar dentro de mim.

Antes que os pensamentos tomassem mais forma na minha mente, eu os afastei, correndo para o banheiro.

Fiz o mesmo ritual de toda manhã. Escolhi minha roupa metodicamente, afinal, eu não queria perder a carona do meu pai, e depois de jogar a mochila nos ombros, descí as escadarias depressa, esfregando os olhos e bocejando.

No café, meus pais me receberam com parabéns, beijos, abraços, fotos e uma pilha de panquecas com calda de caramelo. Por alguns minutos, despertei da preguiça que me assolava,

comemorando e aproveitando aquela data que tinha o maior significado a cada quatro anos. No entanto, apesar das horas de sono de sempre, eu me sentia exausta.



Cochilei no caminho para a escola. Quando o carro parou, escutei meu pai reclamar sobre eu estar com sono por ter passado a noite no celular, mas o deixei com seu monólogo.

Saltei do carro rapidamente entre bocejos e percorri os corredores vazios, xingando a mim mesma por já estar atrasada. Segui depressa até o laboratório de Biologia. Teríamos aula prática naquele dia, e só no meio do caminho fui me lembrar disso.

Tirei o jaleco de dentro da bolsa o mais rápido possível e tentei desamassá-lo da melhor maneira. Enquanto o vestia, desajeitada por causa da mochila, finalmente cheguei a tempo até a porta. Ajeitei os cabelos por cima da gola, a mochila em um dos braços, só para não parecer muito PERIGOSAS ACHERON

desesperada, e então entrei. A professora estava apresentando para a turma o aluno novo, e eu parecia não ter perdido muito da aula.

Eu me acomodei atrás de uma das bancadas sem fazer muito alarde. Apesar da minha descrição, escutei quando ela me repreendeu, dizendo que eu ficaria com falta no primeiro tempo.

Rolei os olhos discretamente, tirando a mochila dos ombros e a deixando sobre o balcão. Quando meus olhos subiram para a frente da classe, os olhos do aluno novo permaneceram atentos em mim.

Primeiro, seu cenho franziu. Depois, seus olhos se arregalaram levemente. E, por fim, ele sorriu fraco, como se me reconhecesse de algum lugar. Olhei ao meu redor, e como não encontrei ninguém no meu campo de visão, senti meu rosto esquentar. Aquele gesto era mínimo e provavelmente ninguém havia notado, porém, no fundo, eu sabia que era para mim.

A professora o liberou com boas-vindas. Ele

agradeceu e seguiu pelos corredores, procurando por algum lugar entre as bancadas. Quando encontrou um vago ao meu lado, rapidamente se sentou ali.

Apesar do pequeno momento constrangedor, quando o olhei, não havia timidez alguma, tanto da minha parte quanto da dele. Ele me cumprimentou cheio de gentileza e eu retribuí, completamente à vontade ao seu lado.

— Sou Pietro. — Ele me estendeu a mão. Eu a peguei, e durante os curtos segundos que o olhei nos olhos, senti como se conhecesse aquela íris cinza com salpicos escuros.

— Eu sou... — tentei me apresentar, mas ele me interrompeu.

— Julie — disse em meio a uma pequena risada. Estranhei. — Seu colar — explicou, indicando meu pescoço, onde havia pendurado meu nome.

Rolei os olhos, divertindo-o. Pietro manteve sua atenção em mim por mais alguns segundos antes de

PERIGOSAS ACHERON

se virar para frente.

Ao olhá-lo pelo canto do olho, sorri. Havia algo nele que me... inspirava.

— É novo na cidade? — perguntei de repente. Ele me encarou e abriu um sorriso ainda maior, assentindo veemente.

— Mudei recentemente. Ainda estou me acostumando com todas as novidades daqui — comentou mexendo nos vidros coloridos à nossa frente.

Murmurei algo como “*hm*” em resposta. Tirei minhas canetas do estojo e comecei a copiar as anotações escritas no quadro.

Diferente de mim, Pietro não começou. Ele se remexeu inquieto na cadeira, escondeu as mãos no casaco verde-escuro e então chamou minha atenção. Deixei minhas canetas de lado e o olhei, curiosa para saber o que ele queria. Sua boca estava aberta, como se estivesse prestes a perguntar algo, mas então desistiu.

Estranhei quando ele simplesmente sorriu, balançando a cabeça. O sorriso era verdadeiro e puro, mas notei seus olhos bonitos cheios de lágrimas. Aquilo me chamou atenção.

— Tudo bem? — questionei, curiosa. Pietro esfregou o rosto com uma pequena e fraca risada.

— Nada. Só... — Ele parou por alguns segundos e me encarou com atenção, vasculhando cada pedacinho do meu rosto. — Só é estranho ser novo por aqui e não ser conhecido por ninguém — disse por fim. Aquelas palavras pareciam ser para ele mesmo. Então, de repente ele suspirou, balançando a cabeça e me encarando. — Eu ouvi dizer que tem um aquário na cidade. Disseram que talvez eu gostasse de conhecer... — comentou. — Quer ir comigo?

Questionei intimamente sua repentina mudança de humor, mantendo a atenção apenas nas palavras seguintes. O convite para ir ao aquário com ele era tentador, e, pela primeira vez, ouvir aquelas palavras e sentir vontade de aceitar não trouxe culpa alguma ao meu coração.

— Eu adoraria. Não costumo aceitar convites de estranhos, principalmente estranhos novos na cidade. Mas... não sei... — Eu o olhei por alguns segundos. Seus cabelos escuros, seus olhos intensos e curiosos, sua pele morena. Porém, vi mais que isso. — Acho que gosto da sua alma.

Pietro sorriu ainda mais, olhando para os meus cabelos e então voltando seus olhos para mim. Eles não estavam mais tão tristes ou perdidos. Pareciam apenas curiosos para o que viria a seguir.

De qualquer forma, ele não era o único.

A sensação de *jamais vu* me atingiu mais uma vez, no entanto, não senti medo ou qualquer tipo de receio. Era como se, por olhares, trocássemos todos os momentos que jamais havíamos tido um com o outro. Mas isso passava longe de ser um problema.

Enquanto eu ouvia as meninas da fileira de trás comentando sobre o eclipse que havia acontecido na última noite, escutei sua resposta vir seguida de um sorriso sincero e grato:

— Essa foi a melhor coisa que alguém já me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disse. Obrigado.

PERIGOSAS ACHERON

Nota da autora:

Você é livre para interpretar este conto da forma que quiser. Todas as possibilidades são reais no infinito.

Conheça também outras histórias da autora

OS DEZ AMORES DE CECE

Não se apaixone. Não dez vezes. Não pelos caras errados.

Dez nunca foi um bom número, pelo menos não para Cecelia, contudo, ela não esperava que ele coubesse tão bem em sua história.

Dez foram os amores de sua vida, ou como Cece os apelidou, os desamores de sua vida. Ela se permitiu viver cada um dos sentimentos que estes lhe despertaram, explorando-os tanto quanto pôde. Se deu chances e agarrou a esperança de que, um dia, encontraria seu número certo.

Cece se permitiu amar de muitas formas

PERIGOSAS NACIONAIS

diferentes, algumas boas, outras nem tanto. Crescendo e amadurecendo pouco a pouco, ela vai descobrir que, melhor do que sentir o amor, é conhecê-lo nos seus mínimos detalhes.

Quantas vezes se pode ter o coração partido e, ainda assim, não perder a fé no amor?

(Disponível na Amazon! Adquira o e-book ou leia pelo Kindle)

PERIGOSAS ACHERON

Sobre a autora

Ana Carolina Gonçalves Dias vive na pequena cidade de Paracambi (Rio de Janeiro) e nasceu no dia 05 de maio de 1997. Formou-se Técnica em Mecânica pelo IFRJ e atualmente cursa Letras na UFRRJ.

Absolutamente perfeccionista, taurina e romântica assumida, é apaixonada por livros, música, bebidas geladas e *Friends*. Ama detalhes, clichês e, mais ainda, criar histórias com finais felizes e imprevisíveis.

Ana, como prefere ser chamada, escreve desde os 12 anos de idade, começando pelas *fanfics* postadas em plataformas online. É autora dos romances Os Dez Amores de Cece, A Galáxia dos Sonhos Perdidos e também participou de diversas antologias.



Encontre a autora:

[instagram.com/anaagdias](https://www.instagram.com/anaagdias)

[wattpad.com/anaagdias](https://www.wattpad.com/anaagdias)

[facebook.com/anaagdias](https://www.facebook.com/anaagdias)

anaacarolinagdias@live.com

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao grande Amor da minha vida (o meu Universo, meu Jesus) por me permitir terminar mais uma história. Cada ponto final é sempre uma vitória, e eu sei que sem Ele não chegaria a lugar algum. Sou grata por todos os sonhos que posso sonhar diariamente e pela força que Ele me dá para conquistar cada um deles.

Também, especial e principalmente, aos meus pais Alex Sander e Silvana, como sempre acreditando em mim. Eu amo vocês o infinito e muito mais! Obrigada por tudo.

Agradeço também a toda minha família, minha vó-mãe, todos que sabem o quanto escrever é importante para mim e me motivam todos os dias a continuar nesse caminho. Também ao meu avô, que não está presente para conhecer mais um livro meu, mas sei que lá de cima está sorrindo orgulhoso da sua filha. Sinto falta de você e te amo para sempre, todos os dias.

Obrigada também aos meus amigos, os de perto

e os de longe. Minha vida não seria a mesma sem vocês e eu sou muito grata por tê-los encontrado pelo caminho.

Obrigada também à minha amiga escritora Fernanda Regina, que teve a brilhante ideia do título deste livro. Você é incrível! Obrigada por sempre me incentivar e me fazer acreditar que posso chegar muito longe.

A você que terminou este conto, obrigada por ter lido algo que saiu do meu coração. Eu espero que sua vida seja incrível e que todas as coisas boas te alcancem.

Ana Carolina Dias.
